

Seminários de processos afetivos e aprendizagem: interlocutando pesquisas, pesquisadores e vida

Seminars on affective processes and learning: interlocating research, researchers and life

Denize Mezadri de Almeida¹, Martha Tristão²

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Vitória (ES), Brasil

Resumo

“Enredo com coletivos”

Trata-se de relato que descreve possibilidades das/nas relações atravessadas nos *espacostempos socioeducacionais afetivos* de pesquisadores e pesquisas em outros modos de inventar e desestabilizar a escrita (ALVES, 2002), mas também, entendendo significados de crítica aos limites da ciência moderna e de seu modo dicotômico de compreensão dos cotidianos (CERTEAU, 1998) e de práxis (FREIRE, 1992, 1996). No agenciamento coletivo de relações rizomáticas (DELEUZE, 1998), intensificadas de sentidos (LARROSA, 2002), complexificados na auto-eco-organização (MORIN, 1991, 1997), da Educação Ambiental (TRISTÃO, 2004), interlaçam-se pesquisas, pesquisadores e a vida, como arte bela e frágil, inclusa, incompleto-devir (PINEL, 2016), com estudos e ensaios do primeiro semestre de doutorado, em 2016, nos Seminários de Processos Afetivos e Aprendizagem. Dialogando com interlocutores destes coletivos de estudos e pesquisas e com a implicação participativa nos mesmos, expressa-se o que se passa nas experiências que se atualizam permanentemente em relações coletivas de *filh@s*, *irmã@s*, *colegas* e em outros laços afetivos, para promover sentidos *afetoscognitivos* nos coletivos intimamente ligados aos movimentos de pesquisas em Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental, Processos afetivos e aprendizagem, Produção de pesquisas.

Abstract

“Plot with collectives”

It is an account that describes possibilities of/in the relations that permeate the socio-educational-affective space-times of researchers and researches in other ways of inventing and destabilizing writing (ALVES, 2002), but also understanding meanings of criticism to the limits of modern science and its dichotomous manner of understanding everyday life (CERTEAU, 1998) and praxis (FREIRE, 1992, 1996). In the collective agency of rhizomatic relations (DELEUZE, 1998), intensified of senses (LARROSA, 2002), complexified in the self-eco-organization (MORIN, 1991, 1997), of Environmental Education (TRISTÃO, 2004), research, researchers and life become interwined, as beautiful and fragile art, included, incomplete-becoming (PINEL, 2016), with studies and essays of the first semester of doctorate, in 2016, in the Seminars on Affective Processes and Learning. Through dialogue with

1 Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, na linha de Pesquisa Currículo, Docência e Processos Culturais, orientanda de Martha Tristão. Professora de Ciências na rede municipal pública dos municípios de Anchieta-ES e Piúma-ES. Pesquisadora do NIPEEA-UFES (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental da Universidade Federal do Espírito Santo). E-mail: dedeciencias@gmail.com

2 Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo, (CE/UFES/PPGE), coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Educação Ambiental (NIPEEA -CNPq). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES. E-mail: marthatristao@terra.com.br

interlocutors of these groups of studies and researches and with the participative implication in them, it expresses what is happening in the experiences that are constantly updated in the collective relations of children, siblings, colleagues and in other affective bonds, to promote cognitive-affective senses in the groups closely linked to the research movements in Environmental Education.

Keywords: Environmental education, Affective processes and learning, Production of research.

Para início de conversa

“Nascimentos de coletivos”

“Filh@s de filh@s³”, “atravessamentos com filh@s, amig@s, namorad@s”, numa perspectiva de relações negociadas nos coletivos intensificados de sentidos, assim como, laços e tensões coletivas complexifica-se, aqui neste escrito, a Educação Ambiental (EA) movimentada nos (des)encontros “paridos” com a pesquisa, pesquisadores e com os Seminários de Processos Afetivos e Aprendizagem, do primeiro semestre do doutorado em 2016.

Dialogar como se atravessa as relações dos movimentos entre os estudos em Processos Afetivos e Aprendizagem e a pesquisa em EA é a principal questão que potencializa outros questionamentos: Que diálogos *teóricos/metodológicos* os relacionam atualmente? Como suas relações se articulam no meio *socioambiental/afetivo*? Que possibilidades *afetoscognitivas* traduzem em suas práxis com os *espaçotempos* vividos?

Todas estas questões desenvolvem-se em meio a questões de vida coletiva de sujeitos “irmã@s”, “responsáveis”, “ti@s”, “av@s”, “bisav@s”, enfim relações de pontos (in)comuns, de (des)encontros que objetivam potencializar entrelaçamentos atravessados nos movimentos entre EA, a pesquisa deste campo e estudos em Processos Afetivos e Aprendizagem. Não que queiramos identificar cada um deles, o que são e como são, mas articular os movimentos e processos que estes potencializam, em pistas, tensões e possibilidades com relações de sujeitos dos variados coletivos familiares ou não.

A intenção não é provocar um “exame de DNA”, “de suas cargas genéticas” e sim, como seus *saberes/fazer*s podem articular o *socioambiental/afetivo*, pensando em relações tecidas com abordagens de interlocutores disseminados nas pesquisas e atividades em educação; e *sulear*⁴ em meio a todos esses movimentos os desafios e possibilidades que os atravessam.

Sabemos que é difícil propor um novo sentido com afimco aos movimentos, até porque consideramos o pressuposto de que a experiência é única ao que nos passa, ao que nos acontece (LARROSA, 2002) e que somos uma nova geração de filh@s, para alguns deles e para outros, podemos ser net@s, para outros bisnet@s e outros ainda “meros” agregad@s, adotad@s e colegas. No entanto, o que somos não vem ao caso. O que queremos e sabemos, que assim como nas relações coletivas de filh@s, irmã@s e demais sujeitos dos mais variados coletivos de laços afetivos compostos na atualidade, podemos dar sentidos que outros não dariam, por não fazerem intimamente parte do processo.

3 Uso do @ com o pressuposto na discussão de propor a neutralidade sobre a posição de um gênero, com o intuito de desfazer marcas de gênero e modificar as posições de enunciação.

4 Termo usado por Paulo Freire para designar forma mais significativa, criativa, crítica e política, um novo sentido de nortear, caminhar, anteceder.

Entendemos e vivenciamos variados agenciamentos e negociações com estudos dos processos afetivos e de aprendizagem, com grupos da EA e os pesquisadores e suas pesquisas da linha de Currículo, Docência e Processos Culturais, produzindo, cada qual, com sua intensidade, desejos, realidades e experiências que o nosso tempo de nascimento neste *espaçotempo*, até o momento, é de um tempo “Cronos”, “Kairos” e “Aión” traduzidos nos escritos de Kohan (2010) que se entrelaçam e nos pertencem com a propriedade de compartilharmos neste escrito.

Dialogar sobre relações dos coletivos das mais variadas formações é algo que pode, ao mesmo tempo, trazer prazer e dor, mas que são potentes no sentido de nas crises e desafios dar-nos possibilidades e superações. Pensa-se com Foucault (1942, 1991), como movimentos de levar o pensamento das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, que na vivência coletiva, na pesquisa, na Educação, em todos os ambientes de intensas relações, há negociações, há atravessamentos que constituem verdades, resistências, transformações com sujeitos em coletivos, que se refazem no *saberfazerpoder* consigo e com os outros.

Em Larrosa (2002) trata-se das experiências praticadas e vividas com o mundo, com os outros e com nós mesmos, ao que nos passa, já que estamos experimentando o real, damos validade ao real, ao desejo que temos com ele, sendo-com-ele-no-mundo na busca do “Ser Mais”⁵

A esta busca procuramos interlocutores que muito fundamentam relações com *saberfazer* a potencializar e dialogar: a complexidade de Morin, os estudos cotidianos com Certeau, redes de subjetividade com Deleuze e Foucault, a globalização e estudos culturais de colonialidade cognitiva em Quijano, a emancipação social de Boaventura Santos, no sentido de autopoiesis e de conhecimento e vida com Maturana, provocando outros olhares propostos pelas Pedagogias com Paulo Freire e redes virtuais e reais de informação e conhecimento com Santos e Pacheco (apud LÉVY, 2000).

Também não poderíamos deixar de visitar fragmentos dos primeiros ensaios virtuais (e-mail, whatsapp, blogs, facebook) e presenciais (rabiscos divagantes durante alguns encontros), que atualizaram alguns passos dos nossos primeiros meses de vida-doutorado; e que potencializam e dialogam com as relações de sujeitos de vários sujeitos, familiares ou não, e os movimentos propostos neste escrito.

Proseando

velejando entre “ancoramentos e (des)ancoramentos em meio a tempestades, mudanças de marés e ações químicas e físicas das águas que naveguei como numa “virada cultural”, nessa crise epistemológica dos contextos sociais e de mim na pesquisa e nos saberes e fazeres de educadora concebidos.

(escrita viajante em algum encontroaulaseminário)

“Concepções e maturidade”

Percebe-se que as pesquisas e atividades em EA do coletivo a que pertenço, começa num nascimento consolidado em 2005 num grupo formado por professor@s,

5 Um Ser mais em Freire (1992) que faz com o mundo e aos outros sua busca permanente do viver.

alun@s dos cursos de graduação, de Mestrado e Doutorado em Educação em redes interligadas à grande malha do REBEA (Rede Brasileira de Educação Ambiental) e de egressos/as interessados/as. Esse nascimento ocasionado num “namoro”, de “desejo” de um espaço de continuidade de pesquisas já realizadas, de possibilidades de novos projetos de pesquisas sobre a Educação Ambiental em contextos escolares e não escolares de aprendizagens e de docência, formam uma “comunidade”, especialmente em laços de unidade entre os participantes ao nos inserirmos em projetos de pesquisas, de estudo, processos de formação em Educação Ambiental e no engajamento político que potencializa e fortalece o grupo⁶.

Nesse “namoro” e “nascimento” o que une e fortalece amizades com outras comunidades são projetos, pesquisas, parcerias e participação de atividades com outros sujeitos e entidades que ocupam espaços municipais, estaduais, do Brasil e do mundo. Isto potencializa estudos e abordagens do local e do global, podendo, com Quijano (2005) não imaginar uma ideia de identidade, de globalização única, pautada na colonialidade homogenizadora e europeia, herdada desde a colonização das Américas.

Mas que abordagens essas amizades, esses coletivos vivem e praticam? Que ações são movimentadas com esse jeito de *pensarfazer*? Deparamos como “nenéns” com compartilhamentos das pesquisas e orientações que permitam nesses coletivos um olhar com o outro, de identificações de fissuras e brechas produzidas com Deleuze (1998) as descobertas e trajetórias cotidianas.

Não há, portanto, um “planejamento familiar, comunitário” inflexível e rígido para se seguir. Há buscas, investigações, interações, agenciamentos que perpassam projetos, pesquisas e estudos na formação individual, coletiva e do ambiente que promovem a integração, produção e recriação dos contextos *socioambientaisafetivos*, de seminários, debates, discussões, encontros, anais, políticas públicas, cursos elaborados e organizados em redes e teias disseminadoras de processos, que com Santos e Pacheco (2000), pensando com Pierre Lévy, distorce a produção capitalista e favorece sociedades com redes de informações comuns e sustentáveis.

Exaltar as tantas tarefas, vivências e práticas dos sujeitos e experiências proporcionadas nestes movimentos, não é a nossa pretensão. Até porque, há inúmeras verdades, sentidos, significados em cada um, em cada rede, em cada grupo em relações complexas (MORIN, 1991,1997), distanciadas de uma racionalidade e reducionismo do pragmatismo moderno. Relações estas, que cheias de redes rizomáticas de subjetividades (DELEUZE, 1998), acreditamos que se legitimam numa formação de comunidades aprendentes e de autopoiesis⁷ na perspectiva de Maturana e Varela (2001), disseminadas em “movimentação prudente, pluralidade de conhecimentos

6 O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (NIPEEA) integra o Centro de Educação (CE) e o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nasceu em 2005, da proposta da professora Dr^a Martha Tristão, atualmente coordenadora do núcleo. Emergiu da necessidade de integração de projetos em andamento e com vistas a constituir um grupo de estudos e pesquisa permanente em EA, envolvendo alunas/os dos cursos de graduação, mestrado e doutorado em educação. Funciona ainda como Sala Verde (projeto do MMA); tem como projeto de extensão o fortalecimento da Rede Capixaba de Educação Ambiental - RECEA e outros projetos voltados para a pesquisa e formação de professores/as. Disponível em: <http://www.ce.ufes.br/nucleos/nipeea.asp>. Acesso em 21 de jul. de 2011.

7 Autopoiese ou autopoiesis (do grego *auto* “próprio”, *poiesis* “criação”) é um termo cunhado por Maturana e Varela (2001), para designar a capacidade dos seres vivos de se produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos), onde as moléculas produzidas geram com suas interações a mesma rede de moléculas que as produziu.

e práticas de aplicação da ciência edificante e socialmente responsável” (SANTOS, 2000, p. 226).

Pistas a estes escritos? Tristão (2007) em abordagens *teoricametodológicas* do núcleo interdisciplinar de pesquisa e estudo em Educação Ambiental tece a temática acerca dos projetos, pesquisas e estudos dos grupos entrelaçados com a EA, identificando nestes:

[...] os processos globalizadores e identificações culturais, as emergências de novos movimentos ecologistas e identidades sociais, a cartografia social e cultural da educação ambiental dentro e fora das escolas, à formação em E.A. (TRISTÃO, 2007, p. 89).

Nestes, a precursora deste coletivo movimenta e enfatiza processos contra a hegemonização, globalização e colonialização (QUIJANO, 2005), propostas numa razão mais sensível (MATURANA; VARELLA, 2001), as práticas políticas e sociais no espaço como lugar praticado (CERTEAU, 1998), a assimilação de uma educação que é ambiental (GRÜN, 1996, 2007) e como práxis *socioambientaisafetivas*, que rompem a dicotomia entre ciência e o *saberfazer* sociocultural com a ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos, todos engendrados em tessituras entre, através e além de formação transdisciplinar, para a transformação e mudanças contínuas e permanentes.

A trajetória destes sujeitos coletivos entre tantos coletivos da/com a EA aproximou-se e fortaleceu-se, alimentando-se desde sua criação com variados projetos, pesquisas, de mestrado, doutorado e pós-doutorado, intercâmbios, participação de eventos como feiras, vídeos, oficinas, colóquios, exposições, certificações, dentre outros em andamento e atividades semelhantes, provocando em si mesmo e em outros coletivos a Educação Ambiental tratada nos *saberesfazeres* discutidos *a priori*.

Alimentação, moradia, saúde, afetividades são necessidades de coletivos, familiares ou não, priorizados entre tantas em cada cultura, contextos e relações no desenvolvimento desses coletivos. Aprimoramos e nos fundamentamos até aqui nestes aspectos como necessidades de “moradia” – o espaço praticado e vivido destes contextos; de “alimentação” – as atividades, estudos, pesquisa, projetos e participações desses movimentos e trajetórias; de “saúde” – os encontros com os professores, mestres, doutores, sociólogos, filósofos, pensadores e tantos outros egressos, ingressos e ouvintes a essas práticas e vivências, e por fim de “afetividades” – nas redes de subjetividades de afecções, acolhimentos e de relações que nos (des)encontros legitimam os outros e a nós mesmos.

Neste enredo desenvolvemos, vivemos e praticamos como protagonistas “infantes” deste movimento, mas que com a condição de experiência desejada, praticada, afetada em um pensar filosófico com Kohan (2010), na presença no que a infância potencializa e num porquê somos coletivos e pensamos.

Ao pensarmos entre diferentes experiências nesses movimentos de abordagens e processos da EA, a pesquisa e os seminários de Processos Afetivos e Aprendizagem dá o que *pensarconhecerfazer*. Mas não podemos deixar os sentidos que mais atravessam filh@s, irmã@s, amig@s, sujeitos coletivos, que somos fundamentados na precursora – a Educação Ambiental.

Considerações

“Experiência de si”, “exercício de si” aproximaram-me a sentimentos de relações acerca de cada atividade, pensamento, fala e conversas atravessadas em tantas outras acontecidas no sujeito e nas relações com os outros que sou e que tenho. Não para explicar e analisar a cada um em seu isso, ou aquilo ou por que; mas no como tudo isso se processa, em seus jogos, relações e subjetivações.

(rascunhos viajantes em alguma aulaencontroseminário)

“Frutos com sujeitos coletivos”

“Frutos”, “resultados”, “conclusões” consideramos, aqui como, reflexões e discussões de novos atravessamentos, produções e sentidos que complexificam e engendram afecções, acontecimentos, cotidianos, nos contextos praticados e vividos a cada geração de sujeitos imbuídos em processos *socioeducacionaisafetivos* que estimulam:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra o quê, o contra a quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 1996, p.43).

Não há um exercício de evolução linear, hegemônico e totalitário das gerações, mas produções de experiências reais e transformadoras em processos coevolutivos⁸ nos ambientes dos contextos cotidianos *socioambientaisafetivos*. É um *saberviveraprender* permanente, atravessado por estudos, pesquisas, projetos, participações na formação emancipatória numa perspectiva de sociedades sustentáveis se contrapondo ao desenvolvimento sustentável (TRISTÃO, 2004).

Considera-se assim, pressupostos, dentre outros, que:

- Os sentidos que nos passam por *afetivascognições* em redes com tantas outras, atravessam trajetórias individuais e coletivas, de cada pesquisad@r, de cada vivência e prática nas formações e acolhimentos dos grupos protagonistas de coletivos em processo para caminhar ao modo de Galeano (2004).
- Os *espaçotempos* dos movimentos atravessam, no modo de Morin (1997), relações de auto-eco-organização em formações que ocupam, usam, possibilitam desde estruturas virtuais (sites, e-mail, blogs, facebook, whatsapp), subjetivas (desejos, paixões, dores individuais e coletivas) e reais nos espaços da produção de *sujeito-sujeitos* nos cotidianos escolares, de comunidades, de culturas e de interlocutores *teoricometodológicos* das pesquisas, que se atualizam nestes espaços.
- A prescrição planejada escapa num movimento liso que se inventa e transcende entre uma pesquisa e outra, um projeto e outro, uma atividade e outra. Isto sugere uma rede rizomática ao modo de Deleuze (1998) num movimento agenciado num fluxo de pessoas, coisas e signos dos coletivos de estar tudo e tempo todo, no que

8 Onde, aqui se propõe a defender no doutorado uma Educação Ambiental dinâmica, constituindo a própria vida ao produzir processos evolutivos recíprocos, desencadeadores de *autoorganização*, *autoexperimentação*, ou seja, do que se pretende fomentar com a coevolução indivíduo-sociedade-natureza. Para este sentido, defendem-se, assim como muitos biólogos, que todo tipo de evolução é, na verdade, alguma forma de coevolução, não existindo assim evolução isolada. Num sentido mais amplo, reconhece-se que cada espécie influencia a evolução de todas as outras com as quais interage. Em resumo, analisado no autor Ricklefs (2003), a coevolução envolve respostas evolutivas mútuas por populações interagindo, pois apresentam dependência entre si, de forma que uma exerce pressão seletiva sobre a outra.

é de fato realizado e acontecido e não só prescrito. São relações de multiplicidades que reterritorializam e desterritorializam nos territórios⁹, que convidam a provocar rupturas, brechas, fluxos nos pesquisador@s e nas pesquisas em educação.

- As tessituras das redes atravessadas nestes movimentos assimilam diversas afecções e subjetividades nos sujeitos coletivos, como proposto nesse escrito. Assim, “ciúmes” e “atropelamentos” são tensões entre os egressos, ingressos e interessados na protagonização que enredam diálogos e atravessamentos, possibilitadas de tantas outras orientações e dinâmicas ocorridas nas convivências e, que geram relações de poder, biopolíticas, como pensa Foucault. São relações que potencializam, ao nosso entender, *saberesfazerespoderes* num cuidado consigo em interação com outros, dinamizando e desenvolvendo os movimentos do viver.

“Filh@s de filh@s”, “colegas de colegas”, sujeitos a dinamizar e potencializar relações, tensões, desafios e possibilidades considerados e analisados aqui, em Educação Ambiental, em pesquisa, em pesquisadores e em seminários de Processos Afetivos e Aprendizagem.

Sentimo-nos como se tivéssemos aqui “parido um@ filh@”, de tantos outros filh@s de coletivos do nosso *serviver*.

Referências

- ALVES, Nilda et al. **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar com comunidades de afetos**. Petrópolis, RJ: DPET Alii, Brasília, DF: CNPq, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1942. p. 229-249
- FOUCAULT, Michel. A forma das ciências humanas. In: FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 366-384.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).
- GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: L&PM, 2004.
- GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.
- KOHAN, Walter Omar. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 125-138, set./dez., 2010.
- LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.º 19, Jan/fev/mar/abr, 2002. p. 20-28.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**. Campinas/SP: Psy, 2001.
- MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.
- MORIN, Edgar. **O método: a natureza da natureza**. 3. ed. Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1997.
- NIPPEA, Disponível em: <<http://www.ce.ufes.br/nucleos/nipeea.asp>>. Acesso em 21 de jul. de 2011.

9 Território [...] espaço vivido, sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente “em casa” [...] Território é sinônimo de subjetivação fechada sobre si mesma (CARVALHO, 2009, p. 60).

PINEL, Hiran. **Vida como obra de arte**. 2016 Março - [citado em 2016 Março 16]. Disponível em: <<http://hiranpinel.blogspot.com.br/>>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro de 2005. pp.227-278.

RICICLEFS, Robert E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SANTOS, Bettina Esteren; PACHECO, Cristina de Oliveira. A informática no cotidiano escolar: relato de uma experiência didática. In: PELLANDA, Nilda Maria Campos; PELLANDA Eduardo Campos (org). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierry Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. pp.222-250.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: rede de Saberes**. São Paulo: Anna Blume; Vitória: Facitec, 2004.

TRISTÃO, Martha (Coord.). **Diagnóstico do estado da arte da educação ambiental no estado do Espírito Santo**: Relatório Final. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2007.

Enviado em: 04/julho/2017

Aprovado em: 17/março/2018